

HANNA KRALL E OS CAMINHOS TORTOS DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE

HANNA KRALL AND THE CROOKED WAYS OF MEMORY AND IDENTITY

Piotr Kilanowski*

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

RESUMO

Neste artigo apresentamos a escritora polonesa de origem judaica Hanna Krall por meio da análise literária do seu romance *Sublokatorka (A sublocatária)*. O romance, com elementos autobiográficos, apresenta a personalidade cindida de uma menina sobrevivente do Holocausto e discute o tema da identidade polonesa, judaica e judaico-polonesa. Através da observação da memória e do processo de criação da memória, a autora mostra a construção da identidade falsa e a repressão da verdadeira, o comportamento comum entre alguns dos sobreviventes.

PALAVRAS-CHAVE

Holocausto, literatura polonesa, identidade

Je est un autre

Arthur Rimbaud

Hanna Krall, escritora polonesa de origem judaica, nasceu em 1935 ou em 1937 (a data varia dependendo da fonte). Após estudar jornalismo, começou sua carreira literária como repórter e hoje é considerada uma das mais importantes representantes da arte da reportagem literária na Polônia, junto com Ryszard Kapuściński, Małgorzata Szejnert e Melchior Wańkowicz, da geração mais antiga, e Wojciech Tochman, Paweł Smoleński, Wojciech Jagielski, Włodzimierz Nowak e Mariusz Szczygieł, da geração mais nova.

Sua obra pode ser vista como a incessante tentativa de trazer à tona as memórias dos tempos do Holocausto. Analisa não só o material da memória humana como sua fragilidade tanto física quanto psíquica. Em seus livros encontramos os relatos inacreditáveis dos tempos da Guerra, deparando-nos constantemente com o destino e suas assombrosas artimanhas, as quais nem o melhor dos cineastas conseguiria conceber. O Holocausto veio a ser o tema principal dos livros da autora desde o final dos anos oitenta, após a publicação de seu livro mais famoso *Zdążyć przed Panem Bogiem (Chegar antes de Deus)*, baseado numa escrita autoral das conversações com Marek Edelman,

* emaildopiotr@gmail.com

médico e último comandante do Levante do Gueto de Varsóvia, e posteriormente membro da oposição anticomunista na Polônia. Antes desse livro, seus temas giravam mais em torno das imagens da Polônia contemporânea e de seus moradores, embora os temas do destino e da história estivessem invariavelmente presentes em seus escritos.¹

Talvez essa visão do destino tenha aproximado Hanna Krall de Krzysztof Kieślowski,² amigo pessoal da autora e personagem de fundo (“meu diretor preferido de filmes paradocumentais”) de seus relatos. Possivelmente o episódio que melhor reflita o senso de humor do cineasta seja aquele em que afirma, no início de *Sublokatorka* (*A Sublocatária*), que seu avô construía “cagódromos”. Ao ser indagado se ele era marceneiro, responde: “Não, era o primeiro-ministro”, numa alusão clara ao último primeiro-ministro da Polônia antes da guerra, Felicjan Sławoj Składkowski, o sempre discretamente silenciado parente do diretor, famoso por sua política sanitária.³ Por sua vez Kieślowski também devia a Krall alguns dos personagens de seus filmes, os quais provinham da vida da autora ou de sua obra, como o bom comunista Werner, de *Przypadek* (*Acaso*), de 1981, baseado na pessoa do amigo da autora Szczesny Dobrowolski. A história da vida de Szczesny Dobrowolski, bem como a história do filme e da apropriação do personagem, aparece em *Sublokatorka*. As ligações entre a repórter e o diretor mereceriam um estudo à parte, já que podemos verificar os marcos dessa amizade aparecendo com certa frequência nas ligações e diálogos entre suas obras.

O destino na obra de Hanna Krall seria comparável à visão do destino trágico, com a única diferença de que os personagens de suas reportagens são reais. A exceção a essa regra talvez seja o livro *Sublokatorka*, que a própria autora denominou de romance, por não consistir totalmente em relatos verídicos, e que contém, ao lado de fatos reais, as reflexões e fantasias sobre passados e futuros possíveis. Os personagens do livro também se assemelham às pessoas reais, no entanto há entre eles os fantasmas de personagens imaginários, inventados, a começar pela própria narradora, que possui identidade dupla

¹ Os livros da autora foram traduzidos para 13 idiomas. O livro discutido adiante, *Sublokatorka*, foi traduzido para o alemão (*Die Untermieterin*, Frankfurt a.M.: Neue Kritik, 1986), o inglês (*The subtenant*, Evanston Ill., 1987), o holandês (*De Onderhuurster*, Amsterdam, 1987), o hebraico (*Dajeret miszne*, Tel Aviv, 1989) e o francês (*Le sous-locataire*, La Tour d'Aignes, 1994). O livro apresentou uma história complicada em sua edição em polonês. Primeiramente divulgado em forma de um monodrama, apresentado por Zofia Kucówna em espetáculos semiclandestinos, foi vetado pela censura, em 1984, quando se tencionava publicá-lo em forma de livro pela editora Znak. Sua primeira edição em polonês deu-se então em Paris, em 1985, pela editora Libella. Foi novamente reeditado clandestinamente na Polônia pela Oficyna Literacka e recebeu o prêmio cultural do então ilegal movimento Solidariedade. Contou com mais uma reedição clandestina em 1987, tendo sido publicado oficialmente somente em 1989, logo após a queda do regime, pela editora Iskry.

² Um dos diretores de cinema polonês mais famosos do mundo, ao lado de Andrzej Wajda e Roman Polański. Além do seriado *Decálogo* e de *A trilogia das cores*, dirigiu obras como *A dupla vida de Véronique* e *Acaso*.

³ KRALL. *Sublokatorka. Okna*, p. 9. Na edição mais recente do livro a autora revela o nome do primeiro-ministro, que até então não era diretamente nomeado talvez no intuito de preservar a intimidade do amigo Kieślowski, enquanto este ainda estava vivo. A edição citada traz a terceira versão do livro, que, no entanto, pela primeira vez foi editada junto com outro romance-reportagem, *Okna*. Todas as traduções ao longo deste artigo, a não ser quando assinalado diferente, são de minha autoria.

e apresenta todas as semelhanças com a autora. Não foi à toa que o poeta Ryszard Krynicki, também personagem de *Sublokatorka*, chamou o estilo literário de Hanna Krall de “reportagem metafísica”.⁴ Os personagens baseados nas pessoas reais não aparecem geralmente com os seus próprios nomes, ficando a cargo do leitor descobrir que este é Krynicki, aquele Kieślowski, e aquela outra a autora. Ao lado destes temos os personagens baseados em “destinos-padrões” de poloneses e judeus, mas que não são reais (como o Major Krall) ou históricos (como Bernard Rajnicz), mas que perfeitamente poderiam ter existido, por serem moldados com base em histórias de vida semelhantes àquelas das pessoas na Polónia no século XX.

O ser humano nos livros de Hanna Krall é confrontado com a vida que às vezes faz dele um herói e em outras ocasiões o transforma num ser moralmente duvidoso. Em uma entrevista de rádio, fazendo suas as palavras de Marek Edelman, personagem de sua reportagem mais famosa, *Zdążyć przed Panem Bogiem* (*Chegar antes de Deus*), a autora afirma que: “Em cada ser humano dorme um comandante de Treblinka”, e acrescenta à frase do herói um adendo, “mas também em cada um de nós dorme um Marek Edelman”.⁵ A faceta do ser humano que vai assumindo o controle depende de seu caráter, do acaso, do destino e das circunstâncias. A tragédia clássica, que mostra o ser humano lutando contra forças adversas, sem chance de sucesso, movido por uma pulsão interna, é refletida na luta dos personagens de Hanna Krall contra a história, como os judeus tentando sobreviver ou morrer lutando no Levante do Gueto,⁶ o barão alemão planejando o atentado contra Hitler⁷ ou os opositores poloneses tentando derrubar o comunismo.⁸ A força dos relatos provém não só do estilo da autora, que chega a ser lacônico, apresentando marcas de oralidade, mas principalmente do fato de serem autênticos e documentados. Ficamos perplexos diante das peripécias inacreditáveis de Izolda Regensberg, que resolve salvar o marido preso em Mauthausen,⁹ ou a história de Edna, salva em Auschwitz, quando a caminho da câmara de gás, por um SS-man, no qual reconheceu o seu professor do colégio, seu amor platônico dos anos estudantis,¹⁰ ou ainda perante o fato de que Marysia Leszczyńska, após doar ao Instituto Yad Vashem a boneca que recebeu do pai no gueto, para que a protegesse, e que lhe acompanhou por toda a vida, sentindo-se desprotegida, adoece e morre com a foto da boneca na cabeceira

⁴ O poeta apresentou essa opinião no filme documentário sobre a biografia artística de Krall *Dowody na istnienie Hanny K.* (*Provas de existência de Hanna K.*) (1999), dirigido por Andrzej Titkow.

⁵ A entrevista foi ao ar no dia 04.02.2010, no programa *Wrzenie Świata*, da Radio Tok FM. Hanna Krall foi entrevistada por Mariusz Szczygieł e Wojciech Tochman.

⁶ Marek Edelman em *Zdążyć przed Panem Bogiem*.

⁷ Axel von dem Bussche, protagonista da reportagem *Fantom bólu* (*A dor fantasma*) do livro *Taniec na cudzym weselu* (*Dançando na festa alheia*).

⁸ Protagonistas das reportagens do volume *Trudności ze wstawaniem* (*Dificuldades de levantar*) e do romance *Okna* (*Janelas*).

⁹ Protagonista do livro *Król kier znowu na wylocie* (*O rei de copas de novo de saída*) e da reportagem *Powieść dla Hollywood* (*O romance para Hollywood*), do livro *Hipnoza* (*Hipnose*).

¹⁰ Protagonista de um dos relatos da reportagem *Inne historie* (*Histórias diferentes*), do livro *Tam już nie ma żadnej rzeki* (*Lá não há mais nenhum rio*).

da cama.¹¹ O que diferencia marcadamente a luta contra o destino nas tragédias e na obra de Hanna Krall é sem dúvida a falta de qualquer exagero dramático na segunda, uma das características de seus livros.

Além dessa ausência de traço heroico e martirológico, a maioria dos livros de Hanna Krall é caracterizada por seu estilo que parece extremamente simples, sucinto e semelhante ao falar. No entanto, quando olhamos mais atentamente, não é um discurso como normalmente pronunciado, mas sim a fala como ela acontece no pensamento, na memória. A cronologia nos relatos é quebrada, entrecortada pelas lembranças do passado, ou referências ao presente, confusa, cheia de reflexões. O discurso que lembra a fala interna, a fala de rememoração, faz com que o relato seja também cheio de lacunas, frases inacabadas e omissões silenciosas nos momentos de subida da tensão emocional. Poderemos observar isso em trechos do livro citados mais adiante.

Essa característica de rememoração faz com que o texto exija mais atenção dos leitores, mas também provoca o efeito de forçar uma pausa para refletir e compreender mais profundamente. Provocada por esse recurso aparece a ilusão de estarmos entreouvindo o fluxo do pensamento de alguém, ou um diálogo interno. O texto, com essa qualidade de oralidade mental, nos penetra muito mais fundo, faz com que participemos muito mais do seu conteúdo e compreendamos a terrível cotidianidade e onipresença da morte, do medo, do inusitado destino, não só nos dias do Holocausto, mas também na vida normal de cada um de nós. Mas, além dessas presenças terríveis, percebemos também a presença da vida, de que essas experiências fazem parte. O recado do teatro grego, de que a nossa presença no mundo é essencialmente trágica, é confirmado na obra de Hanna Krall. A já mencionada fragilidade física e psíquica do homem faz com que possamos assumir a postura de testemunha essencialmente compassiva e cheia de temor perante as lembranças das pessoas enredadas nas teias da história, de que falam os livros da autora.

Talvez um de seus trabalhos mais interessantes e complexos de digerir seja justamente o que abdica das prerrogativas da autenticidade de repórter: o *Sublokatorka*. Nesse livro, que a autora quer ver como romance, pela primeira vez aparecem, de um modo um pouco velado, as lembranças de suas próprias vivências durante a guerra. Sabemos que Hanna Krall¹² era na época da guerra apenas uma menina, de origem judia, sendo que, como já citado, algumas fontes citam o ano de seu nascimento como 1935 e outras como 1937. Isso é fato comum no caso das pessoas cuja vida foi varrida pela guerra. Hanna Krall perdeu seus familiares, incluindo pai, no Holocausto, e foi

¹¹ Protagonista da reportagem *Spis rzeczy* (O índice), do livro *Tam już nie ma żadnej rzeki*.

¹² As informações a respeito de autora vêm da *Enciclopédia da Literatura Polonesa* (*Encyklopedia literatury polskiej*) e são complementados com os dados provenientes de várias entrevistas dadas por ela e coletadas por Jacek Antczak e publicadas no livro *Reportarka: Rozmowy z Hanną Krall (A repórter: Conversações com Hanna Krall)*, Varsóvia: Rosner i Wspólnicy, 2007. Como a autora cuidadosamente protege sua história e privacidade, as biografias às vezes diferem em detalhes, como, por exemplo, na data de nascimento ou no fato de a autora ser interna do orfanato de Otwock. O único depoimento dela que fala abertamente da sua vida durante a guerra, o tema retrabalhado artisticamente em *Sublokatorka*, foi dado a Władysław Bartoszewski, que redigia o livro *Ten jest z ojczyzny mojej* (*Este é da minha pátria*) com os testemunhos referentes à salvação dos judeus pelos poloneses durante o Holocausto.

escondida por uma família polonesa do lado de fora do Gueto. Foi milagrosamente salva da morte quando sorratamente desviada de um transporte que ia para o Gueto. Criada num orfanato dos tempos comunistas, doutrinação, só percebeu a falsidade do sistema quando, como jovem jornalista, estava cobrindo A Feira Internacional de Poznań, em 1956, e presenciou o massacre dos trabalhadores que protestavam contra os abusos do regime.¹³ Trabalhou como repórter na revista *Política* e participou ativamente do movimento do “Solidariedade”,¹⁴ em 1980, e da oposição intelectual ao sistema nos tempos do Stan Wojenny.¹⁵

Assim como a maioria dos sobreviventes do Holocausto, Hanna Krall demorou muito para conseguir falar sobre suas memórias daquele tempo. Mesmo quando conseguia fazê-lo, usava a terceira pessoa em vez do relato em primeira pessoa. O molde formal de um pretense romance lhe permitiu expressar uma parte de suas experiências de modo menos velado.

A sublocatária do título do livro é uma menina judia que é escondida pelas famílias polonesas. Viveu em vários esconderijos, mas todos eram parecidos: grandes e escuros.

O mesmo escritório do ausente dono da casa, conhecido só das grandes fotos – aparecia nelas endireitado, esbelto, com bigode e com quepe de quatro pontas. Mais para o fundo – o quarto do menino, que nunca dormia em casa, o piano no salão, o avô que durante horas enrolava o tabaco em papel de seda e a fiel empregada de antes da guerra. Fato interessante – as donas dos apartamentos também eram semelhantes. Sem maquiagem, com cabelos lisos presos em coque – representavam geralmente o mesmo tipo de engenhosa dona de casa.¹⁶

Aos cinco anos de idade a Sublocatária, Marta, chega ao apartamento da narradora, Maria. Apesar da tenra idade a menina era muito consciente da situação: não olhava pela janela. Mesmo de noite, quando as luzes eram apagadas, só chegava perto da janela depois de encorajada. Não tossia no seu esconderijo quando a casa recebia visitas e não exigia ir ao banheiro quando este era usado pelo avô, que não sabia do fato de ela estar escondida naquele apartamento. A entrada do seu esconderijo ficava no guarda-roupa, onde, por trás das vestes, esgueirava-se até uma fresta escondida detrás do forno aquecedor. Às vezes a Sublocatária tinha a oportunidade de sair de casa para ir passear. Para que não fosse reconhecida durante o passeio, seu cabelo preto era totalmente envolvido por um manto e seus olhos negros eram obrigados a se manterem baixos, para que não fossem vistos pelos transeuntes. Para tanto, sua anfitriã lhe pedia que constantemente chutasse uma pedrinha, como se estivesse jogando amarelinha. Quando alguém passava por elas durante essas caminhadas, sua protetora ralhava com ela carinhosamente para que não estragasse os sapatos chutando as pedras.

¹³ Em junho 1956, os trabalhadores na cidade de Poznań participaram de manifestações contra o regime comunista e foram massacrados pelas forças do Estado.

¹⁴ O movimento social anticomunista na Polônia dos anos oitenta, criado ao redor do sindicato dirigido por Lech Wałęsa.

¹⁵ Em 13.12.1981 o general chefe do estado maior, primeiro ministro e primeiro secretário do partido comunista, em pessoa, Wojciech Jaruzelski, decretou Estado de Sítio em Stan Wojenny, na Polônia, ilegalizando o movimento do “Solidariedade” e prendendo todos os opositores mais importantes.

¹⁶ KRALL. *Sublokatorka. Okna*, p. 26

Algumas vezes te levávamos para passear.

Colocávamos um lenço até o meio da testa, levantávamos bem a gola, mas isto não bastava, pois ainda ficavam os olhos e os olhos eram o pior. Felizmente minha mãe teve uma idéia maravilhosa: uma pedra. Andando pela rua você empurrava com o pé a pedra, como no jogo de amarelinha, graças a quê podia manter os olhos abaixados sem levantar suspeitas. Nada mais natural do que uma pequena garotinha absorta no jogo de amarelinha e que não consegue levantar os olhos da pedra! Íamos então – eu, a filhinha comportada, andando do lado da sua mãezinha, minha mãe e você com a sua pedra. Toc – você a movimentava com o pé e acertava em uma pedra da calçada, e eu sem querer a observava, andando do teu lado. É algo assombroso como com que nitidez a gente nota as pedras da calçada, não é verdade? Toc – pedra lisa, sem rachaduras, toc – pedra com uma fenda negra, toc – nas junções umas hastezinhas de grama...

De tempos em tempos atuávamos diante das senhoras que passavam por nós. Minha mãe dizia por exemplo – deixe disso de uma vez, vai acabar com o sapato, e você continuava com aquilo – toc, no meio da pedra da calçada, desobediente, como se não estivesse ouvindo, como uma menina desobediente normal, que não obedece a tia, e eu, do lado, claro, escandalizada, pois contrariamente a você, ia obediente e sem estragar os calçados. Então minha mãe trocava, acima de sua cabeça, sorrisos indulgentes com as outras senhoras, com as outras tias de meninas normais, comuns.

De que está rindo?

Nem sei porque lembro tão bem da sua pedra.

Mas, admita que você teve os seus momentos de fraqueza e tentava levantar os olhos. Não totalmente, não, mas só um pouquinho mais alto, nem que fosse na altura das crianças que passavam ao lado – rapidinho, pensando que ninguém iria notar, não é? Mas a minha mãe reagia com a vigilância irrepreensível: não levante os olhos! Vai! (Me lembro bem deste sussurro áspero, abafado, mas não tenho vontade de descrevê-lo mais detalhadamente). E você apressadamente baixava a vista e pulava para a próxima pedra da calçada.

E aí, não está rindo mais?¹⁷

A menina sentia-se marcada, estigmatizada, sentia-se como alguém pior. O marco disso salta aos olhos quando, durante o Levante de Varsóvia,¹⁸ a menina percebe que todos têm medo e todos viraram alvos de tiros, e reage a essa percepção com animação e alegria. Pois o terror de todos significava que tinha deixado de ser a única perseguida, igualando-se aos outros. A situação se repete quase quarenta anos depois, no último encontro relatado entre a narradora e a Sublocatária, no início do Stan Wojenny, quando a Sublocatária, depois de anotar as listas de presos políticos, segue a multidão em direção à igreja repetindo “Todos estão apavorados, não é verdade?”¹⁹ sentindo-se então novamente integrada em um todo maior.

Depois da guerra encontramos a Sublocatária num orfanato, onde cresce com outras crianças judias, sobreviventes da guerra. Há entre eles Szlamek, que perdeu os

¹⁷ KRALL. *Sublokatorka. Okna*, p. 22-23

¹⁸ O Levante de Varsóvia, Powstanie Warszawskie, foi a insurreição deflagrada na cidade pelo Exército Nacional (forças da resistência armada antialemã), em 1.8.1944, visando expulsar os alemães da cidade e assumir o seu comando antes da entrada das tropas soviéticas. Estima-se que custou a vida de 200.000 poloneses (destes, estima-se que aproximadamente 80% eram civis, massacrados pelos alemães) e a destruição completa da cidade, terminando em fracasso.

¹⁹ KRALL. *Sublokatorka. Okna*, p. 120

dedos dos pés por congelamento, Anusia, que passou a guerra toda escondida num túmulo e por isso perdeu os cabelos, Ruta, que foi explorada sexualmente por aqueles que a escondiam, Olga, que trabalhou duramente para o seu protetor e ainda permanecia escondida depois da guerra, pois o seu anfitrião não lhe avisou que os alemães tinham sido vencidos, Sabinka, que foi rejeitada pela mãe e pelas outras crianças por ser fruto do estupro de uma judia por um alemão, e Jakubek, que por ser circuncidado passou a guerra vestido de menina e só chegou a saber que era garoto depois da guerra. Jakubek, que era comparado pelos humanistas que visitavam o orfanato a Aquiles, reaparece brevemente no livro, posteriormente, como ex-marido da narradora, funcionário do aparato comunista, que não pode fazer nada para liberar da censura um filme que apresenta muitas marcas de semelhança com *Przypadek* (1981) de Kieślowski. O orfanato era visitado por artistas como Julian Tuwim²⁰ e Zofia Nałkowska,²¹ mas o primeiro, por medo, não conseguia dialogar com as crianças que sobreviveram ao Holocausto, e a segunda, ao escrever sobre o orfanato em seus diários, com seu estilo elegante, o transformou em algo completamente diferente da realidade. Este relato de Nałkowska lido pela Sublocatária, tão diferente das suas memórias escuras, tão cheio de clareza, faz com que esta resolva treinar para ser clara.²² Além dos sentidos comuns de clareza e escuridão, na linguagem da Polônia durante a guerra o claro e o escuro acabaram sendo sinônimos da aparência “ariana” ou “não-ariana”, tanto na linguagem dos poloneses de origem judaica, quanto na de todos os outros.

O livro traz como um de seus temas a duplicidade de destinos. A autora chama alguns de claros e outros de escuros com base num quadro de Velásquez, que apresenta Maria e Marta com Jesus.²³ Os nomes Maria e Marta, por coincidência ou por um jogo de imaginação, são dados à narradora e à Sublocatária. Enquanto Maria está sentada aos pés do Senhor, bela e inspirada, Marta, triste, feia e cansada, limpa os peixes e amassa o alho na cozinha, sentindo-se desnecessária e subestimada. O destino dos poloneses é o destino dos claros que morrem heroicamente e o destino dos judeus, os escuros, é a morte “sem dignidade”, por fome ou nas câmaras de gás. Em outro momento do livro, quando a narradora começa a escrever seu doutorado em vitimologia, aparecem como sinônimos da escuridão: “rebaixamento, humilhação, aflição, treva”. Talvez existam possibilidades de fuga na identificação com os outros ou na arte. Por isso a Sublocatária tenta estar com os outros na multidão que protesta em Poznań, em 1956. Por isso, mais tarde, tentará expressar a escuridão por meio da pintura. “(...) Um bom método para a

²⁰ Julian Tuwim (1894-1953) foi um grande poeta polonês de origem judaica, membro do grupo poético Skamander. Ficou famoso por suas inovações na linguagem poética e poesia infantil.

²¹ Zofia Nałkowska (1884-1954) foi uma importante escritora polonesa. Além de seus romances e diários, ficou famosa como uma das pioneiras do novo estilo de literatura testemunhal em seu livro de relatos sobre as atrocidades de guerra *Medaliony* (*Os medalhões*).

²² KRALL. *Sublokatorka. Okna*, p. 70-72

²³ Trata-se do quadro *Cristo na casa de Marta e Maria*, que pode ser visto na National Gallery, em Londres. A autora afirma que o original encontra-se em Viena, e que o quadro de Londres é apenas uma cópia. Não me foi possível verificar tal afirmação. A cópia do quadro em versão eletrônica está disponível em: <http://es.wikipedia.org/wiki/Archivo:Diego_Velázquez_008.jpg>. Acesso em 15 fev. 2013.

claridade é a expressão da escuridão. A única coisa que faz sentido fazer com a escuridão é transformá-la em arte, como fizeram Charlie Chaplin, Woody Allen e Bruno Schulz”.²⁴ Existem os outros artistas escuros, de acordo com a classificação proposta no livro: Rembrandt van Rijn, Franz Kafka, Fiodor Dostoievski. A claridade aparece em Ernest Hemingway, Vincent van Gogh ou Isaac Bashevis Singer. A escuridão é vertical, pode ser derivada da Bíblia, a claridade é horizontal e vem da *Odisséia*. Como outros artistas claros, são citados aqueles que provêm de uma região que traz a claridade – a Wileńszczyzna (cercanias de Vilnius): Tadeusz Konwicki,²⁵ Czesław Miłosz,²⁶ Melchior Wańkowicz,²⁷ enquanto isso a região dos Cárpatos predispõe à escuridão, o que podemos verificar em Bruno Schulz²⁸ ou Julian Strykowski.²⁹

O caminho de tentar estar com os outros, identificando-se com a multidão, é seguido por outro personagem do livro, Bernard Rajnicz, judeu que defendia os ideais comunistas e lutou para que eles se tornassem realidade. Primeiramente, antes da guerra em Lwów, depois junto com o Exército Vermelho, na Polônia comunista, e para findar, amargurado com o comunismo, como defensor do “Solidariedade”. Foi então preso pelo sistema na mesma cela onde um dos supostos “destinos” jogou trinta anos antes o major Krall, pai (imaginário) da narradora, naquela versão do destino, condenado à morte.

O major Krall representa as várias versões do destino claro do oficial polonês, durante e após a guerra. Em uma versão, ele morre nas mãos de seu companheiro de armas, em outra, é preso pelos russos e deportado para a Sibéria ou Katyń, e em outra ainda, é preso primeiro pelos alemães num campo de prisioneiros e, depois da guerra, condenado à morte pelos comunistas poloneses, após prisões e processos. O destino do pai da Sublocatária é o destino escuro, da câmara de gás, do campo de concentração de Majdanek, para onde as duas protagonistas peregrinam anualmente para deixar flores e, sorratamente, tocar a imaginada marca dos dedos do pai no teto da câmara de gás, entre inúmeros riscos deixados pelas unhas dos prisioneiros em última agonia.³⁰

²⁴ KRALL. *Sublokatorka. Okna*, p. 87

²⁵ Tadeusz Konwicki (1926) é romancista e diretor de cinema polonês contemporâneo.

²⁶ Czesław Miłosz (1911-2004) foi um grande poeta, ensaísta e romancista polonês. Foi laureado com o prêmio Nobel de literatura em 1980.

²⁷ Melchior Wańkowicz (1892-1974) foi um jornalista e escritor polonês. Pai da reportagem literária polonesa. Assim como Egon Erwin Kisch ou Ryszard Kapuściński, praticava em seus livros aquilo que Clifford Geertz chamou de gênero misto, o discurso que unia a ficção com os fatos na reportagem literária. Vale a pena notar a sua menção neste livro, que segue os mesmos preceitos da mistura de relato verídico com o ficcional.

²⁸ Bruno Schulz (1892-1942), grande escritor polonês de origem judaica, assassinado no Holocausto. A sua obra completa traduzida para português por Henryk Siewierski foi lançada em 2012 pela Editora Cosac Naify.

²⁹ Julian Strykowski (1905-1996), jornalista e romancista polonês de origem judaica. A sua obra gira em torno da temática das comunidades judaicas e sua luta pela preservação da identidade religiosa e nacional. A sua vida seguiu um caminho semelhante à do personagem Bernard Rajnicz: primeiramente envolvido com o comunismo, nos anos setenta aderiu ao movimento de oposição contra o sistema.

³⁰ KRALL. *Sublokatorka. Okna*, p. 35-42

Ao longo da leitura, por vários indícios, percebemos que a narradora mistura as experiências da menina polonesa e da menina judia, tentando identificar-se com o lado polonês da sua biografia. Entre estes indícios está o major Krall, apresentado como pai da narradora, que leva o mesmo sobrenome da autora e da narradora, e cujo destino apresenta tantas versões imaginárias. Um outro indício são as amizades e histórias da vida da autora, que no livro fazem parte da experiência da narradora, enquanto uma outra parte de sua biografia coincide com a vida da Sublocatária. Embora na maior parte do livro a narradora seja a personagem Maria, a menina polonesa, filha do major Krall, por vezes a narração acontece em discurso dirigido por Maria a Marta, a menina judia. Em raras ocasiões observamos a presença da narração em primeira pessoa do plural, quando fala Marta. Fora um ou outro episódio no qual a narração é assumida por outro personagem (por exemplo, Anna, amiga de Werner) a narradora é a polonesa Maria. Podemos entender assim que aqui temos uma narradora dupla, que escondendo-se atrás de uma falsa memória, uma falsa identidade de Maria, relata a história de Hanna Krall, o protótipo da personagem da Sublocatária. A Sublocatária por sua vez se esconde atrás de uma identidade criada, a identidade que poderia ser dela se tivesse nascido polonesa, “a clara”. O fato de os sobreviventes do Holocausto assumirem identidades falsas (fato relativamente comum na época, já que muitos abandonaram seus nomes de nascimento e praticaram algum tipo de autocriação em seus relatos biográficos) pode ser visto como mais uma tentativa de fugir da escuridão que está em suas histórias. Como relata Maria Janion,³¹ esse processo também é encontrado nos livros de Henryk Grynberg,³² que adota como sua a mitologia de Konrad Wallenrod, um personagem da literatura polonesa romântica que vive o processo de dupla identidade, bem como em outros livros de memórias de judeus poloneses. Se percebemos a narradora como uma personagem que é dupla e vive a realidade da menina judia que assumiu as memórias da menina polonesa e empurrou a sua identidade inicial para as sombras, a Sublocatária do título ganha um significado novo, completamente diferente. É o eu que compartilha as memórias desejadas, claras e falsas, e as verdadeiras escuras, das quais quer se esquecer, mas que se escondem no fundo do armário da memória. A escuridão sobre a qual tanto fala a autora vem a ser também o marco das memórias tão dolorosas que se faz necessário negar até para si mesmo, no processo que ao longo do livro é denominado de “treinamento para a claridade”. A escuridão, no discurso do professor Falandysz (personagem autêntico) em conversa com a narradora, vira a autoestigmatização, que seria o fato de assumir como seu o papel imposto, internalizar o rótulo que é dado à pessoa pelos outros.

O título de *Sublocatária* pode ser interpretado de múltiplas maneiras: a menina judia dentro da casa, a memória de um passado do qual se tenta esquecer, a autoestigmatização de que é preciso se libertar. Lido mais amplamente, deve ser visto

³¹ Em seu livro *Żyjac tracimy życie*, Maria Janion destina alguns parágrafos à obra de Hanna Krall. O excerto referente a esta parte foi disponibilizado na internet em: <<http://polish-jewish-heritage.org/Pol/Janion.htm>>, acesso em 15 jan. 2013. No livro esta parte encontra-se entre as páginas 401-405.

³² Henryk Grynberg (1936) é jornalista e escritor polonês de origem judaica. A totalidade de sua obra gira em torno das questões de Holocausto. Assim como Hanna Krall, teve que se esconder para sobreviver à guerra, na qual, assim como ela, perdeu a maioria dos familiares.

também como a alegoria da condição do outro, do marcado, do estigmatizado, de um judeu num país que nunca vai considerá-lo um cidadão de direitos iguais, que sempre será condenado ao destino de ser o diferente no meio de iguais, o escuro entre os claros.³³

Em um momento do livro, depois de tentar a libertação através da pintura, a narradora resolve escrever o trabalho de doutorado na área de vitimologia. Durante esse estudo é obrigada a se lembrar dos momentos do passado, no fundo do armário. Percebe que a única possibilidade de sobrevivência seria separar-se de si mesma, de sua dor, de sua paixão. E que para se libertar seria necessário ir ao fundo de sua escuridão, vivê-la e libertar-se dela em terapia. Entre várias cenas comoventes, aparece em meio ao discurso sobre os assuntos presentes a lembrança chocante de um encontro da Sublocatária com sua mãe. Quando esta relata o arrependimento por ter oferecido ao pai dinheiro, em vez de pão, no momento deste ser levado para o campo de concentração, pois o pão poderia ser mastigado, dando satisfação no caminho para a morte, a menina responde: “É uma pena, mas em compensação eu estou viva!” e foge, por saber que contaminar-se com a tristeza iria dificultar, se não, impossibilitar a sua luta pela sobrevivência. A sua memória traz esta lembrança junto com o sentimento de culpa e a imagem da mãe. Outra lembrança, mais importante para a protagonista, é a de ser surpreendida dentro de casa, quando criança, por um homem estranho. A sua reação foi ir correndo se esconder no armário, onde ficou chorando entre as roupas, sem conseguir achar a passagem para o esconderijo atrás do forno aquecedor. Talvez seja a metáfora de ter que se esconder durante a vida toda.

Bom dia! – diz o senhor estranho e sorri, como a gente sorri para uma criança.

Você está sentada debaixo da janela... não, está de pé, não, está sentada, para que ninguém pudesse te ver da rua. E o que você lhe responde?

Estou falando com você. Com você sentada debaixo da janela. O que você responde a este senhor estranho?

Bem, você não fala nada, nadinha, somente levanta e rapidamente se aproxima do armário... Pelo amor de Deus, o que passou pela sua cabeça? Perto do homem, que está lhe observando, você abre a porta?

Você, que não se aproxima da janela, quando está sozinha. Não tosse atrás do forno, quando tem estranhos em casa. Não sente vontade de fazer xixi entre três e meia e quatro horas. Você, para quem a filha da mulher que lhe escondeu, quarenta anos após desenhar garotinhas atrás do forno e alguns meses antes da missa com cravos vermelhos, semissentada em roupa de cama alva e engomada dirá: – Era tocante a sua consciência, você tinha então cinco anos, e entendia tudo. (– Realmente? – perguntará você com um sorriso gentil, cheio de descrença)... Às vezes vem a sua mãe. Com seu eternamente negro vestido senta na beira do assento de cadeira e pega na sua mão. – Levaram o papai, e eu lhe dei dinheiro. Se eu tivesse levado para eles a comida, poderiam levar para a viagem,

³³ Em sua entrevista com Teresa Torańska, Michał Głowiński, um escritor e estudioso da literatura, polonês de origem judaica, traz uma informação que pode contribuir para desvendar a gênese do título: “O principal antissemita da Igreja de antes da guerra, o padre doutor Stanisław Trześciak, ia mais longe ainda, denominando os judeus de sublocatários na terra da Polônia.” TORAŃSKA. *Śmierć spóźnia się o minutę*, p. 149.

mas agora... Se tivesse levado pão, comeriam ainda pelo caminho... Procura chorar o mais silenciosamente possível, para não criar confusão nessa enorme e estranha casa, e você está de pé ao lado dela, calada, tranquila. – É uma pena – você diz enfim – Em compensação eu estou viva. – Você retira a sua mão das mãos dela e rapidamente sai do quarto, apavorada, que não vai conseguir sair suficientemente rápido, que a tristeza dela ainda poderá te alcançar em algum canto. (É uma dificuldade terrível se desenovelar da tristeza, por isso é preciso estar alerta o tempo todo e não deixar se engolfar por ela. – É uma pena – é preciso dizer com calma, retirar a mão das mãos dela e sair, deixando-a sozinha sentada na beira da cadeira...).

Você, pois, que não tossia e não sentia vontade de fazer xixi, agora abre a porta e, sem mais nem menos, entra no armário na presença de um homem estranho. Você afasta rapidamente as roupas e estendendo as mãos à sua frente, procura a passagem para trás do forno.

(...)

Quando davam a um holandês, que sofria da doença do campo de concentração, o LSD-25, ele balbuciava algo sobre alguns tamancos e uma areia. Depois esclareceu-se que, ao andar com esses tamancos, caiu numa vala e lá tinha alguma coisa fofa e que eram cadáveres cobertos de areia, e essa areia entrava nos tamancos. Mas o que tem de terrível no armário, que você está abrindo a porta?

Isto não é nada terrível, é apenas uma vergonha: você está se escondendo e alguém vê isso. Ninguém deveria ver, que você se esconde no armário, porque é uma vergonha.

Além do mais, você entende que está se comportando como uma idiota: como se não bastasse que alguém a tivesse encontrado no apartamento, você ainda na presença dele fica tentando se esconder, e o que ele vai pensar – pode pensar que você é uma idiota.

Você começa a chorar. Não de medo, como aquele senhor pensa tolamente, mas de vergonha e raiva. Dá para ouvir claramente o seu choro de dentro do armário, do meio dos sobretudos, porque você não consegue encontrar a passagem. –...Deixe disso – fala aquele senhor, tentando tirar você do emaranhado das roupas. – Menina... – fala aquele senhor.³⁴

Ao longo do curso do livro, a narradora percebe que separar-se da Sublocatária, sua verdadeira identidade sublimada ao longo da vida, muito lhe custaria. Ela perderia a sensibilidade para apreciar a natureza, como a paisagem do rio Narew, que lhe fascina, e onde a autora possui uma casa de campo, perderia a sua criança interna, a parte mais humana de si mesma, e, o que parece mais doloroso, perderia a ligação com a linha dos ancestrais. Não ter túmulos para visitar no Dia de Finados, último dos dilemas da narradora, significa perder a identidade, isolar-se de si mesma, de sua própria história, história da nação que jaz sepultada no solo da Polônia. A narradora percebe que a falsa identidade, por mais clara e gloriosa que seja, nunca dará acesso ao eu interno, à criança interna, triste e sofrida, mas capaz de sentir a vida, e muito menos ao passado de uma tradição. Este é o momento de desaparecimento da Sublocatária. A falsa biografia de Maria cai e a personagem assume-se com toda a sua história, com toda a duplicidade. A catarse, a transformação, o *coming-out* é o livro no qual Hanna Krall pela primeira vez fala, indiretamente, de sua história, até então guardada a sete chaves, da identidade escondida sob outra máscara. O 'eu-outro', dicotomia básica de todos nós, são revelados dentro do mesmo personagem. O polonês e o judeu juntos em uma só pessoa conseguem

³⁴ KRALL. *Sublokatorka. Okna*, p. 111-112

fazer as pazes e viver um ao lado do outro sem que Maria tente esconder Marta, sem preconceito interno forçado pelo mundo de fora, sem a autoestigmatização.

Num relato tocante e fascinante presenciamos o destino do ser humano, de qualquer ser humano, pois cada um de nós possui os seus sublocatários, suas cisões internas, falsas identidades e “eus” escondidos. Claro que, no caso da protagonista, eles são exacerbados, mas graças a isso se tornam universais. Por outro lado, temos um impressionante relato da história da Polônia e da história dos judeus poloneses no século XX. É o relato das relações entre dois povos que habitavam o mesmo espaço, até o momento da cruel cisão imposta pelos nazistas, e que, apesar dessa cisão, continuam coabitando como as personagens de Maria e Marta.

O que impressiona, tanto nessa quanto em outras obras de Hanna Krall, é o relato que não condena, que tenta compreender, que devolve aos assuntos inflacionados e inflados por sua repetição a sua dimensão humana, trazendo pelos tortos caminhos da memória a verdadeira compaixão e o verdadeiro terror, inerentes a nosso trágico destino de humanos.



ABSTRACT

In this article we present the polish writer of jewish origin Hanna Krall through literary analysis of her novel *The Subtenant*, which contains autobiographical elements. The novel presents divided personality of a girl survivor of Holocaust and discusses a theme of polish, jewish and mixed polish-jewish identity. Through the observation of memory and processes of memory creation, the author shows an invention of false identity and the repression of the real one, a type of behaviour typical to some survivors.

KEYWORDS

Holocaust, polish literature, identity

REFERÊNCIAS

- ANTCZAK, Jacek. *Reporterka. Rozmowy z Hanną Krall*. Varsóvia: Rosner i Wspólnicy, 2007.
- BARTOSZEWSKI, Władysław; LEWINÓWNA, Zofia (Org.). *Ten jest z ojczyzny mojej*. 3. ed. Varsóvia: Świat książki, Stowarzyszenie Żydowskiego Instytutu Historycznego, 2008.
- JANION, Maria. *Żyjąc tracimy życie*. Varsóvia: W.A.B., 2001.
- KRALL, Hanna. *Dowody na istnienie*. Poznań: Wydawnictwo a5, 1995.
- KRALL, Hanna. *Hipnoza*. Varsóvia: Alfa, 1989.
- KRALL, Hanna. *Król kier znów na wylocie*. Varsóvia: Świat Książki, 2006.
- KRALL, Hanna. *Sublokatorka. Okna*. Varsóvia: Świat Książki, 2008.
- KRALL, Hanna. *Sublokatorka*. Paris: Libella, 1985; Cracóvia, 1985
- KRALL, Hanna. *Tam już nie ma żadnej rzeki*. Cracóvia: Wydawnictwo a5, 1998.

- KRALL, Hanna. *Taniec na cudzym weselu*. Varsóvia: BGW, 1993.
- KRALL, Hanna. *To ty jesteś Daniel*. Cracóvia: Wydawnictwo a5, 2001.
- KRALL, Hanna. *Trudności ze wstawaniem. Okna*. Varsóvia: Alfa, 1990.
- KRALL, Hanna. *Różowe strusie pióra*. Varsóvia: Świat Książki, 2009.
- KRALL, Hanna. *Wyjątkowo długa linia*. Cracóvia: Wydawnictwo a5, 2004.
- KRALL, Hanna. *Zdażyć przed Panem Bogiem*. Cracóvia: Wydawnictwo Literackie, 1977.
- KRALL, Hanna. *Żal*. Varsóvia: Świat Książki, 2007.
- TORANSKA, Teresa. *Śmierć spóźnia się o minutę*. Varsóvia: Biblioteka Gazety Wyborczej, 2010.
- ZARYCH, Elżbieta (Org.). *Encyklopedia literatury polskiej*. Varsóvia: Zielona Sowa, 2005.

